

## O ST Música e Pensamento Afrodiaspórico: proposições, reverberações, provocações

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO  
SUBÁREA: ST Música e Pensamento Afrodiaspórico

*Agata Christie Rodrigues*

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ  
[ag.agthings@gmail.com](mailto:ag.agthings@gmail.com)

*Amana Veiga Santos*

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ  
[santosamana@gmail.com](mailto:santosamana@gmail.com)

*Eduardo Guedes Pacheco*

Universidade Estadual do Rio Grande Sul - UERGS  
[eduardo-pacheco@uergs.edu.br](mailto:eduardo-pacheco@uergs.edu.br)

*Eurides de Souza Santos*

Universidade Federal da Paraíba - UFPB  
[euridessantos@gmail.com](mailto:euridessantos@gmail.com)

*Micas Orlando Silambo*

Universidade Eduardo Mondlane – UEM  
[Yanikmicas@gmail.com](mailto:Yanikmicas@gmail.com)

**Resumo.** O texto analisa as proposições e reverberações do ST Música e Pensamento Afrodiaspórico no âmbito dos estudos musicais contemporâneos. À luz da ementa, apresenta provocações para o ST visando o fortalecimento das produções da diáspora africana no campo musical, com destaque para as produções das intelectuais negras. Trata-se de uma análise fundamentada em pesquisa bibliográfica e depoimentos.

**Palavras-chave.** ST música e pensamento afrodiaspórico, produção acadêmica negra, música e afrodiaspóra, intelectuais negras.

**Title. The Thematic Symposium Afro-Diasporic Music and Thought: propositions, reverberations, provocations**

**Abstract.** The text analyzes the propositions and reverberations of the Thematic Symposium Afro-Diasporic Music and Thought within the scope of contemporary music studies. Considering the course outline, it presents provocations aimed at strengthening African diaspora productions in the musical field, with a particular emphasis on contributions from female Black intellectuals. This analysis is grounded in bibliographic research and personal testimonies

**Keywords.** T. S. Afro-Diasporic Music and Thought, Black intellectual production, Music and Afro-diaspora, Black female intellectuals.

## **Surgimento do ST: contexto sócio-político-acadêmico**

As políticas públicas de ações afirmativas, implementadas nas duas primeiras décadas do século XXI, compuseram um conjunto de medidas que traduzem a história ancestral das lutas e conquistas demandadas e agenciadas pelas subjetividades/coletividades afrodiáspóricas e indígenas. Em lugares diversos e de formas diversas ambas se posicionaram contra o racismo, o genocídio, o eugenismo, o epistemicídio, entre outras violações humanas impostas pelo colonialismo que perduram nos nossos dias. As universidades públicas brasileiras se constituíram como palco crucial de debates sobre justiça social e democracia, ora avançando ora retrocedendo, por ser ainda um espaço de domínio branco hegemônico, em especial, quando tratamos dos cursos superiores de música.

O Simpósio Temático Música e Pensamento Afrodiáspórico surge na encruzilhada dos debates sobre as temáticas musicais negras afrorreferenciadas, ocorridos nesse limiar do século XXI. A iniciativa de criação do ST partiu dos professores Dr. Luan Sodré (UEFS/UFBA) e Dr. Marcos Santos (UFRB) com base em uma provocação da professora Dra. Cristiane Galdino (UFPE), no sentido de trazer para a pauta de discussões dos congressos da ANPPOM as temáticas da diáspora africana, suas musicalidades e corporalidades que, como vimos, já se constituíam tema de conversas, estudos e debates acadêmicos. De acordo com Marcos Santos,

O Simpósio Música e Pensamento Afrodiáspórico foi fruto de reflexões e de ações anteriores. No ano de 2020, quando eu estava no processo da escrita da minha tese, eu senti uma necessidade individual muito grande de trocar com pessoas que estavam estudando temáticas musicais negras e, sobretudo, afrorreferenciadas, tomando o continente africano como referência para pensar os desdobramentos aqui na diáspora. E aí eu criei um grupo de WhatsApp inicial, convidando Luan Sodré, Valnei Souza, Mariana Duarte, Nani Oliveira. E ali discutíamos sobre temáticas diversas envolvendo essas questões. Laurisabel Silva também fez parte do primeiro grupo, Márcio Pereira, Thon Nascimento e me perdoe se eu esquecer alguém. Ali a gente discutia textos, discutia perspectivas, conversávamos bastante, depois, esse grupo foi crescendo, foi ganhando maiores dimensões e posteriormente eu e Luan tivemos a ideia, a convite da professora Cristiane Galdino que provocou, né, fez uma provocação. O Luan trouxe a questão que a ANPPON não tinha um GT sobre temáticas negras e a professora Galdino provocou e falou, olha, até que vocês não se mobilizem pra fazer, não vai ter mesmo; e aí Luan me convidou e a gente resolveu criar o simpósio. A gente criou esse simpósio com o objetivo de lideranças alternadas, para que justamente tivesse uma diversidade, uma equidade de abordagens dentro do universo que são as culturas negras e perspectivas (Santos, depoimento, junho/2024).

Na ementa apresentada ao congresso de 2020, o ST Música e Pensamento Afrodiaspórico propunha,

Um espaço de discussão, reflexão e construção de conhecimentos sobre perspectivas ligadas à compreensão da diáspora africana ao longo do Atlântico Negro e suas relações com as musicalidades/corporalidades experienciadas neste contexto, com destaque para as ressonâncias destas questões no Brasil. Dentro do escopo da discussão proposta neste simpósio, espera-se refletir sobre os processos de produção, transmissão e circulação dessas experiências sonoras, estéticas e poéticas, considerando as subjetividades que as estruturam na contemporaneidade. (Sodré; Santos, 2020).

A ementa também coloca o ST como um espaço propositivo, aberto ao debate oriundo das diversas subáreas do campo musical.

Visa construir um espaço propositivo, cujo foco é, nas diversas subáreas da música, debruçar-se sobre alternativas possíveis e entendimentos cujo viés considere as diversas existências que compõem a diáspora negra nas Américas e venham a contribuir para uma não invisibilização epistemológica destas existências no campo da música (Sodré; Santos, 2020).<sup>1</sup>

O ST inicia suas atividades em um ano marcado pela declaração de pandemia de Covid-19 que, por um lado, dizimou e separou milhões de vidas, e por outro lado, forçou e aperfeiçoou as possibilidades de encontro entre pessoas em salas virtuais ao redor do mundo, para os diversos tipos de reunião. No entanto, junto aos avanços da tecnologia de comunicação *online*, os espaços virtuais trouxeram o lado perverso do racismo estruturante na sociedade brasileira, neste caso, manifestado em pelo menos em dois aspectos:

Primeiro, a invasão e violação dos espaços de encontro de pessoas negras e de discussões por e sobre elas. Essas invasões e violações já vinham sendo denunciadas por acadêmicos<sup>2</sup>, principalmente em bancas de defesas *online* e outras reuniões com temáticas negras, femininas e LGBTQIAPN+.

Na primeira reunião do ST Música e Pensamento Afrodiaspórico, durante o XXX Congresso da ANPPOM, ocorreu uma dessas invasões na qual hackers utilizaram de

---

<sup>1</sup>SODRÉ, L.; SANTOS, M. Ementa do Simpósio Música e Pensamento Afrodiaspórico. XXX congresso da ANPPOM. Disponível em: <https://anppom.org.br/xxx-congresso-da-anppom/simposios-e-gts-aprovados/>. Acesso em 21.06.2024.

<sup>2</sup>ALVES, CIDA. Sala virtual para defesa de mestranda da UFPB é atacada por hackers. Brasil de Fato. João Pessoa, 28 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefatopb.com.br/2021/02/28/sala-virtual-para-defesa-de-mestranda-da-ufpb-e-atacada-por-hackers>. Acesso em 21.06.2024.

MAIA, Francis. CCDH recebe denúncias de ataques virtuais racistas em série nos últimos meses. Assembleia Legislativa do RS. Disponível em: <https://ww4.al.rs.gov.br/noticia/321049>. Acesso em 22.06.2024.

palavrões e imagens pornográficas para agredir as/os participantes. Destacadamente, entre as dezenas de salas do congresso, a sala virtual desse ST foi a única que sofreu tal violação. Como medida de prevenção, a então presidenta da ANPPOM Rosemara Staub abriu outra sala específica para garantir a normalidade das demais apresentações. Ao final do congresso, a presidenta se dirigiu aos coordenadores com as seguintes palavras:

Manaus, 11/12/2020. A diretoria da ANPPOM repudia os atos invasivos ocorridos durante as apresentações dos trabalhos do Simpósio Temático 4 Música e Pensamento Afrodiaspórico, durante o 30º Congresso da ANPPOM, coordenado pelo Luan Sodré de Souza e Marcos Santos Santos. A diretoria compromete-se em buscar alternativas de segurança para que os sistemas remotos dos futuros eventos científicos *online* sejam garantidos com direito a voz e não ao constrangimento; com respeito aos pesquisadores e coordenadores. Em nome da diretoria e em nome da comissão local [...] nós queremos estar solidários aos colegas, e eu gostaria também de dizer a eles [...] que nós vamos trabalhar conjuntamente com vocês, [...] Luan e Marcos para que o simpósio possa ter os seus vídeos colocados com toda a segurança no canal da Anppom. Todos os trabalhos serão vistos e nós então vamos encontrar uma alternativa juntos para que possamos então retirar todas as imagens que invadiram o sistema. Então, a ANPPOM se compromete com isso; então se sintam acolhidos por nós (Staub, 11 de dezembro de 2020)<sup>3</sup>

Como informado pela presidenta, os vídeos das apresentações nas sessões do ST4 foram retirados do canal Youtube da ANPPOM, podendo ser visualizados apenas os vídeos previamente enviados pelas/os participantes, no mesmo canal.

O segundo aspecto foi a impossibilidade de participação efetiva no congresso por parte de pessoas que não tiveram acesso a internet, suas redes, bem como aos dispositivos de informática. Essa realidade da desigualdade socioeconômica brasileira se aprofundou extremamente na pandemia.

## **2. Reverberações: “Um espaço de discussão, reflexão e construção de conhecimentos”**

O ST Música e Pensamento Afrodiaspórico, dentro dos quatro anos da sua existência, já contribuiu com 30 produções acadêmicas na ANPPOM, o que significa que este ST colabora com cerca de oito trabalhos em média por ano. Destas contribuições, seis foram apresentadas em 2020, sete em 2021, oito em 2022 e nove em 2023, o que subentende que a cada ano tem havido um aumento de mais uma produção. As discussões deste simpósio têm

---

<sup>3</sup>Staub, Rosemara. Sessão de encerramento do XXX Congresso da ANPPOM. <https://www.youtube.com/watch?v=p7sIWVXmDM8&t=5981s>.

foco em várias dimensões: historiografia, político-epistemológico-metodológica, racismo estrutural, linguagem musical afrocentrada, processos de transmissão musical afrocentradas e cantautor/as e suas práticas musicais.

Na dimensão historiográfica, Campos (2022), discute propostas para se repensar as narrativas históricas sobre a música no Brasil. Explicita aspectos relacionados às lutas dos movimentos negros e à conquista de marcos legais reconhecendo a contribuição dos negros na construção e no desenvolvimento da sociedade brasileira.

Por exemplo, a construção do samba, atualmente, conforme Conceição (2020), transitou através da história de uma confraria de mulheres negras em diáspora, religiosas e envolvidas com o catolicismo barroco português abasileirado, vindas de uma vertente escravagista e embranquecida.

A par disso, Lima (2022), defende que a inclusão do contexto histórico de violências raciais vinculadas à música, mas não restritas a ela, na historiografia do samba é, portanto, uma vitória relativa da visão de mundo das comunidades negras nas negociações que estas empreenderam com grupos de maior poder. Com este olhar Vaccari (2021), buscou em seu texto reconstruir o percurso da modinha urbana, depois imperial e de salão, sua ascensão no ambiente burguês português por meio de um negro, Domingos Caldas Barbosa.

Em outras buscas, Moutinho (2022), aponta para a presença da sonoridade de membranofones no inventário cultural dos bailes funk, entre a segunda metade da década de 1980 e início da década de 1990, para a utilização de alguns *samples* referenciados pelos sujeitos entrevistados em produções musicais relacionadas ao funk carioca.

Com a mesma perspectiva, porém de cunho biográfico, Oliveira, Wiese Filho e Ramalho (2022), discutem a participação de músicos no movimento abolicionista na fase de 1880 a 1882 no Rio de Janeiro (RJ). Especificamente tratam com destaque o violinista negro Guilherme Cantalice como um ativista pioneiro dos principais movimentos sociais da história brasileira durante as Conferências Emancipadoras.

No cerne da dimensão político-epistemológico-metodológica, Lima e Almeida (2022), mapearam publicações que discutem as relações étnico-raciais dentro da educação musical no Brasil, através de quatorze trabalhos que defendem uma educação musical plural que tensiona os paradigmas eurocêntricos. Já em 2023, estes autores revisam bibliografias que refletem sobre paradigmas do pensamento afrodiáspórico na música e processos educativos musicais, enriquecendo o campo em busca da diversidade cultural e democrática. No entanto, o debate sobre possibilidades de aproximação da educação musical e as relações étnico-raciais

já havia sido iniciado por Lima (2021) através do filme musical *Black is King*, que possibilitou refletir sobre identidade negra, representação e a aplicabilidade da lei 10/639.

Este debate abriu-se para outros campos, como na etnomusicologia. Dessa maneira, Batista, Nascimento, Santos e Silva (2020) questionaram as dinâmicas de produção de conhecimento. Vistas por ângulos interseccionais com discussões travadas no debate das questões étnico-raciais, para descolonizar processos a fim de pensar a pesquisa etnomusicológica em diálogo com a interseccionalidade na/da contemporaneidade.

Com os mesmos propósitos, Camargo e Nascimento (2023) reconheceram a diversidade de manifestações culturais populares com foco na etnomusicologia, ao construir alternativas a processos educacionais como uma busca por práticas musicais emancipatórias. Silambo (2021), inserido nessa diversidade cultural, defende que para entender a música como prática artística experimental aplicada e colaborativa deve-se reconhecer e interagir com as experiências do compositor, propósito da sua composição, estilos e estéticas envolvidas, assim como com o material musical incorporado no corpo em prática. Isto nos leva a quebrar as fronteiras de campos específicos. De maneira que, através de uma proposta de análise crítica social da letra da música “Pânico na Zona Sul” (1990), do grupo de rap Racionais MC’s, Souza (2022) buscou criar um diálogo entre música, sociedade e raça, a partir de uma perspectiva multidisciplinar entre os conhecimentos produzidos no campo da sociologia, da história e da música.

Enquanto isso, Nabosne (2022) estabeleceu um diálogo entre música e literatura, ao observar que a música e a arte representam no livro **Quarto de despejo: diário de uma favelada** (1960) um pilar para a crítica social, e ocupam um papel de centralidade nas construções de sentido do livro, assim como na expressão artístico-literária e pessoal de Carolina Maria de Jesus, sua autora.

Na dimensão racismo estrutural, Tamarit (2023) fez um levantamento sobre a pesquisa em música no Brasil e constatou a falta de espaço e o aparente desinteresse por abordagens comprometidas e profundas em volta do candomblé e das suas “artes musicais”. O autor propõe que se invista na construção de espaços de diálogo plurais e diversos, protagonizados por aqueles e aquelas que vivem, zelam e performam esses universos, assim como advoga pela constituição de quadros de docentes e discentes que reflitam e expressem de forma justa a real diversidade das nossas sociedades. Com essa preocupação, Santos (2021) critica a presença mínima de docentes negra(o)s e a ausência de conhecimentos afrocentrados nos currículos. Ela prioriza o pensamento de autora(e)s negra(o)s como forma de trazer a intelectualidade negra brasileira para o centro da discussão sobre o combate ao racismo.

Esta autora junto de Santos, Rodrigues, Santos, Pacheco (2023) apresenta uma discussão sobre as políticas de ações afirmativas, em particular, o estado atual da implementação da Lei No 12.990/2014, lei de cotas no serviço público. Os autores destacam que nos cursos superiores de música, a presença de uma comunidade estudantil cada vez mais diversa nos aspectos étnico-raciais, socioculturais e musicais”, o orientam a refletir sobre a urgência de uma transformação quali-quantitativa nos quadros atuais da docência/liderança que, salvo exceções, se mantêm como guardiã de uma formação acadêmica racista, monocultural e monoepistêmica.

Outros estudos deste ST mostram que o racismo estrutural está igualmente relacionado com o silenciamento de pessoas e nomes contextuais. Nesta ótica, Silambo e Messina (2020), discutem o silenciamento “ocidental” e, em particular, anglófono, da terminologia da mbira (instrumento musical tradicional africano), ao apontar que as representações da diferença são reproduzidas na maneira em que a terminologia própria da mbira é silenciada e suplantada por uma série de definições equivocadas e descaradamente etnocêntricas.

Por outro lado, Rocha (2020) aborda a ausência de nomes da música negra brasileira no cânone Afrofuturista, quando desafia e aponta para um potencial interpretativo do conceito nas culturas afrodiaspóricas. Com vista ao confronto de silenciamentos como este, Santos (2023) procurando respostas para compreender o esquecimento do fagotista Airton Barbosa, levantou sua biografia ao questionar aspectos socioculturais. Com isso, o texto colaborou para a História da Música Brasileira e com a História do Fagote no Brasil quando aborda questões raciais e políticas determinantes para o esquecimento de Barbosa, cuja vida foi atravessada por preconceitos relacionados ao regionalismo e a participação no cenário da música popular. Sua obra e sua memória foram negligenciadas e esquecidas através dos processos de epistemicídio.

Na dimensão da exploração da linguagem musical afrocentrada, Camara e Magalhães-Castro (2021) mostram que o termo *afro* funciona como um anunciador de referências à trajetória dos processos de criação musical nas afluências em África.

Ao explorar a linguagem musical afrocentrada, Velon (2023) buscou compreender, por meio de epistemologias não-hegemônicas, uma característica recorrente em formas de se cantar samba. Para tal, focou no aspecto do timbre e nas relações constituídas socialmente a partir desse elemento por meio de cosmopercepções da cultura Yorubá.

Tamarit (2021), por sua vez, caracterizou o “ferro” e o “couro” como abstrações surgidas de conceitos e saberes ancestralizados que servem como pontos de ancoragem

sensitivos para uma percepção “candomblé-orientada” da performance ritual. E finalmente, Soares (2020) aborda a presença de elementos afro-indígenas na canção *Foi Bôto, Sinhá!* (1933) de Waldemar Henrique (1905-1995), escrita para canto e piano, quando a relaciona à ideia de hibridismo musical numa perspectiva de desinvisibilização da cultura negra.

Na dimensão dos processos de transmissão musical afrocentradas, Souza (2023) faz uma análise de parte dos "saberes corpo-musicais" do moçambique de bastão, que se mostram a partir do tilintar dos paia, chocalhos fixados nas canelas dos integrantes das linhas que compõem a tradição. Esses saberes são desenhados e revelados na prática, somente no momento da experiência: música e corpo em movimento são parte de um mesmo complexo de saberes.

Na perspectiva de contribuir com a compreensão desses processos, Silambo (2023) refletiu sobre as experiências da Delta Cumbane, uma mulher que adota formas peculiares das tradições orais para a manutenção da prática musical: i) desenvolvimento da capacidade de performance tocando com pares do coletivo; ii) observação e imitação dos mestres para a automação técnica dos movimentos dos dedos e da voz; iii) escuta atenciosa para uma posterior repetição das estruturas tocadas pelos mestres; iv) experimentos de erros e acertos para treinar, paciente e autodidaticamente, as habilidades musicais; v) valorização da inspiração e do ouvido no ato da composição; e vi) produção e reverberação de materiais musicais que contribuem em saraus culturais, festas, festivais, etc., que influenciam o mercado musical e cultural moçambicano. A análise das experiências da Cumbane permitiu o entendimento do seu passado cujas experiências atizam a revigoração e empoderamento sociocultural da música de mbira e das mulheres.

Na dimensão cantautor/a<sup>4</sup> e suas práticas musicais, Silva (2021) parte do lugar de fala da Mestre Ana do Coco do Quilombo do Ipiranga da cidade do Conde/PB, e demonstra o quão a prática do coco de roda nesse local se configura como um movimento de defesa e manutenção territorial a partir da manipulação de valores étnicos que forjam a identidade quilombola às lutas contemporâneas.

Laban (2023), estuda um conjunto de obras de artistas negras da Bahia, dedicadas ao gênero MPB, em suas vertentes contemporâneas, lançados entre 2013 e 2023. A análise dos fonogramas observa semelhanças entre suas obras, do ponto de vista literomusical, observando os temas abordados nas letras das canções, assim como a recorrência de elementos musicais, em busca de tipificar a produção dessas artistas enquanto segmento

---

<sup>4</sup> Ser cantautora engloba o fazer musical nas instâncias que atravessam tocar, cantar, compor, pensar, escrever, ensinar, militar enquanto mulheres nos diversos espaços que elas transitam (ROSA; NOGUEIRA, 2015, p. 33).

afrocentrado da MPB. Pesquisa dessa natureza se encontra, ainda em Duarte (2020) onde busca-se analisar duas congregações ou confrarias fundadas por africanos escravizados originários da Costa da Mina no século XVIII. Os resultados apontam para a ênfase na identidade, no caso de Rosa Egipcíaca – figura que revela o protagonismo. Igualmente, Silambo (2022), descreve as experiências do mestre Tefula, cujas experiências atizam a revigoração e empoderamento sociocultural da música de mbira e outras artes musicais africanas. O autor destaca que este mestre tem um forte protagonismo na construção da mbira, assim como na transmissão e performance da sua música ao visibilizar estratégia, modos e técnicas da prática musical africana.

### **3. Provocações: Intelectuais negras nas referências dos trabalhos do ST Música e Pensamento afrodiaspórico**

O Simpósio Temático em questão existe há quatro anos e as contabilizações das menções que referenciam intelectuais negras nos trabalhos se dão entre os anos de 2020 e 2023. A cada ano se estabeleceu um aumento sutil de textos aprovados no ST. Sua ementa afirma: “o simpósio busca ser um espaço propositivo que valoriza o protagonismo de negras e negros na constituição das musicalidades no Brasil, em diálogo com a diáspora africana” (ANPPOM, Ementas, 2024)<sup>5</sup>, buscamos analisar a presença de intelectuais negras nas referências bibliográficas dos trabalhos. Longe da tendência aos exclusivismos, esse parâmetro pode apontar para a produção das mulheres negras no campo musical e sua valorização nesse espaço de discussão. Nessa perspectiva, contabilizamos menções à intelectuais negras, negros e brancas a cada ano de existência do ST, ao realizar a contagem de trabalhos e de citações de nomes de intelectuais com base no parâmetro de raça e gênero, cujo leque não se ampliou para recortes interseccionais relacionados à orientação sexual. Assim, estão enumeradas a presença de mulheres negras e brancas, homens negros e brancos, bem como, pessoas de outros grupos étnicos. As ocorrências estão divididas em dados anuais, cujo ponto final é a soma dos valores das menções.

---

<sup>5</sup> ANPPOM/Congressos/STs Ementas resumidas. Disponível em: <https://anppom.org.br/xxxiv-congresso-da-anppom/subareas-e-simposios-tematicos-aprovados-para-o-xxxvi-congresso-da-anppom/>. Acesso em 21.06.2024.

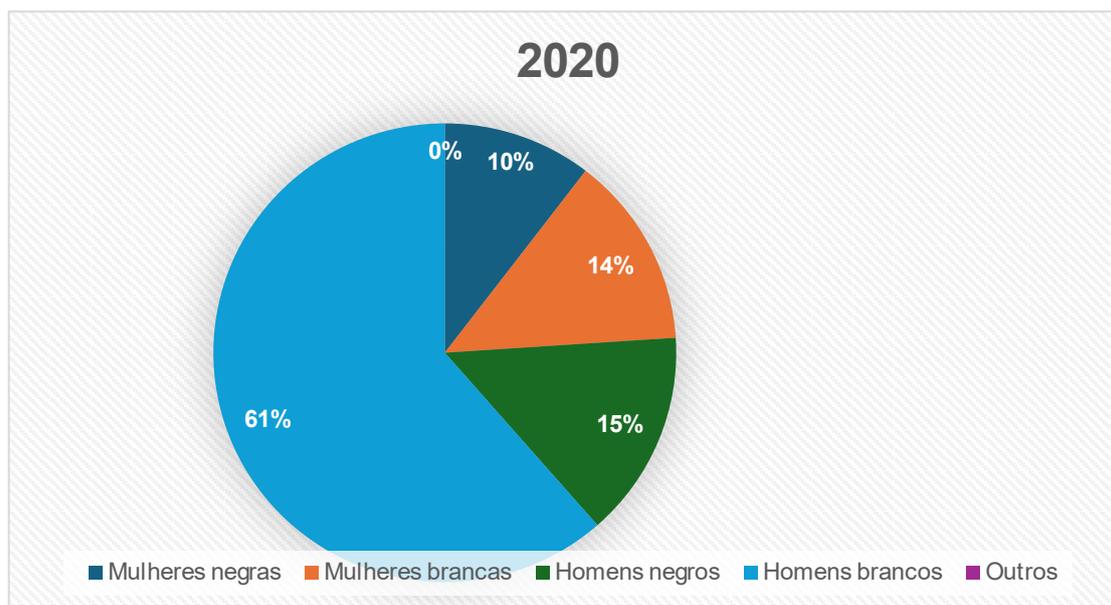
**Ilustração 1 (Tabela 1) – Citações de intelectuais com base no parâmetro de raça e gênero/2020**

2020					
Intelectuais					
Referências	Mulheres		Homens		Mulheres ou homens
Trabalhos	Negras	Branças	Negros	Branços	Outros grupos étnicos
1	0	3	-	11	-
2	-	1	2	4	-
3	5	4	3	17	-
4	2	3	1	7	-
5	-	2	4	9	-
6	3	-	4	11	-
Resultado	10	13	14	59	0

Fonte: produção das/os autoras/es, 2024

Em 2020, as intelectuais negras ocuparam apenas 10% das menções presentes nos trabalhos do ST. Os 90% restantes foram complementados por 75% de homens e mulheres brancas, além de 15% de citações de pensadores negros. Veja o gráfico abaixo:

**Ilustração 2 (gráfico 1) – Citações de intelectuais com base no parâmetro de raça e gênero/2020**



Fonte: produção das/os autoras/es, 2024

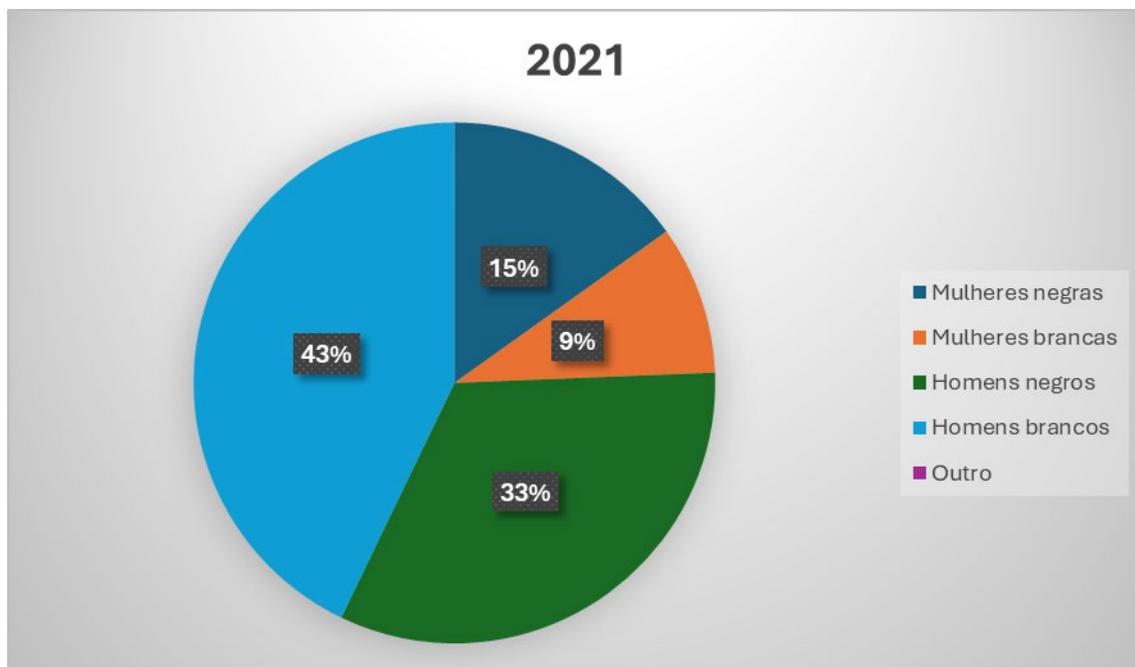
**Ilustração 3 (tabela 2) – Citações de intelectuais com base no parâmetro de raça e gênero/2021**

2021					
Intelectuais					
Referências	Mulheres		Homens		Mulheres ou homens
Trabalhos	Negras	Branças	Negros	Branços	Outros grupos étnicos
1	-	3	1	13	-
2	4	1	15	4	-
3	-	1	9	5	-
4	1	2	4	10	-
5	3	2	4	6	-
6	3	1	4	8	-
7	7	1	2	5	-
<b>Resultado</b>	<b>18</b>	<b>11</b>	<b>39</b>	<b>51</b>	<b>0</b>

Fonte: produção das/os autoras/es, 2024

Em 2021 as intelectuais negras ocuparam 15% das menções dos trabalhos submetidos, 5% a mais em relação ao ano anterior. Entretanto, pesquisadores e pesquisadoras brancos, continuam sendo maioria entre as referências, com o total de 52%. Apesar disso, intelectuais negros tiveram uma alta em seu índice de referências, com 33%, o dobro do ano anterior.

**Ilustração 4 (gráfico 2) – Citações de intelectuais com base no parâmetro de raça e gênero/2020**



Fonte: produção das/os autoras/es, 2024

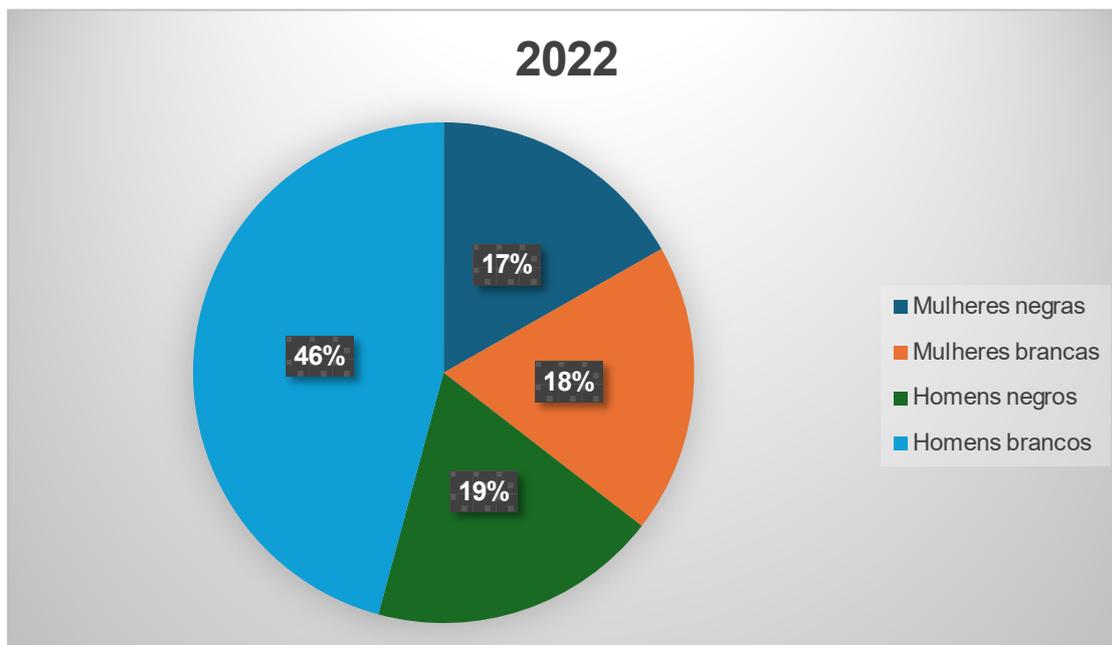
**Ilustração 5 (Tabela 3) – Citações de intelectuais com base no parâmetro de raça e gênero/2022**

2022					
Intelectuais					
Referências	Mulheres		Homens		Mulheres ou homens
Trabalhos	Negras	Branças	Negros	Branços	Outros grupos étnicos
1	-	1	9	5	-
2	2	3	3	9	-
3	2	1	3	3	-
4	6	3	6	5	-
5	3	3	4	6	-
6	9	8	-	21	-
7	2	5	4	5	-
8	2	5	-	17	-
<b>Resultado</b>	<b>26</b>	<b>29</b>	<b>29</b>	<b>71</b>	<b>0</b>

Fonte: produção das/os autoras/es, 2024

Em 2022 as citações de pensadoras negras nos trabalhos apresentaram uma alta de 2% em relação ao ano anterior. Em 2021 as menções contabilizavam 15% do total, enquanto em 2022 aumentaram para 17%. Homens negros tiveram uma baixa nesse ano ao contemplarem 19% das referências totais. Homens e mulheres brancos em somatória contaram com a recorrente maioria de 64% do total de citações.

**Ilustração 6 (gráfico 3) – Citações de intelectuais com base no parâmetro de raça e gênero/2022**



Fonte: produção das/os autoras/es, 2024

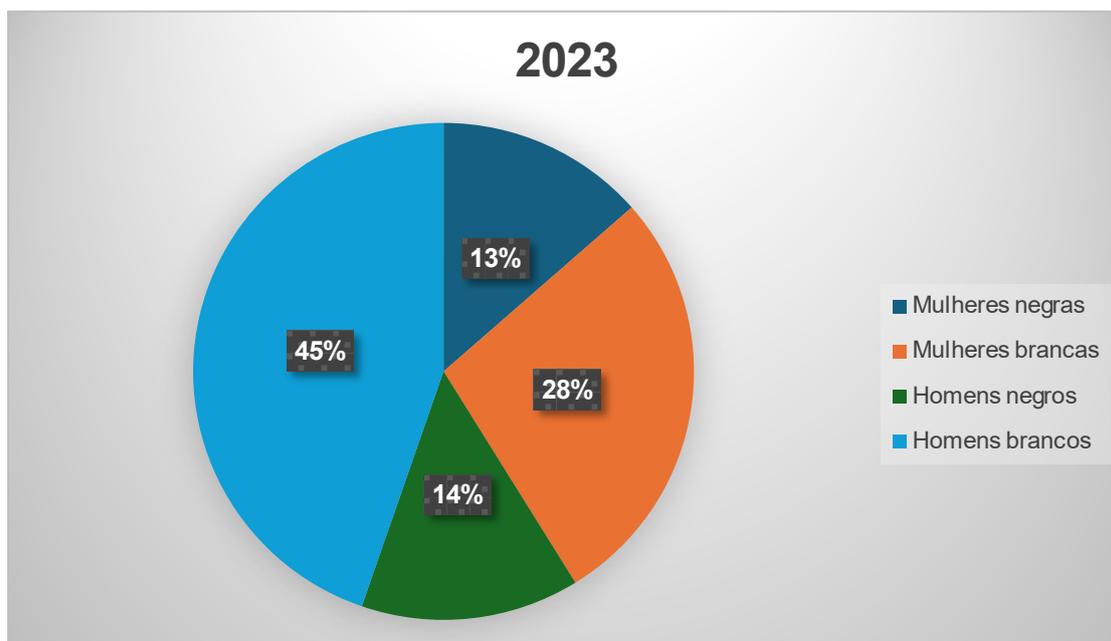
**Ilustração 7 (tabela 4) – Citações de intelectuais com base no parâmetro de raça e gênero/2023**

2023						
Intelectuais						
Referências Trabalhos	Mulheres		Homens		Mulheres	Homens
	Negras	Branças	Negros	Branços	Outros	
1	3	1	4	5	-	-
2	4	17	10	40	-	-
3	3	1	4	3	-	-
4	3	18	1	6	1	1
5	-	2	-	6	1	-
6	3	1	-	1	-	-
7	-	1	2	3	-	-
8	4	3	3	6	-	1
9	3	3	-	6	-	-
<b>Resultado</b>	<b>23</b>	<b>47</b>	<b>24</b>	<b>76</b>	<b>2</b>	<b>2</b>

Fonte: produção das/os autoras/es, 2024

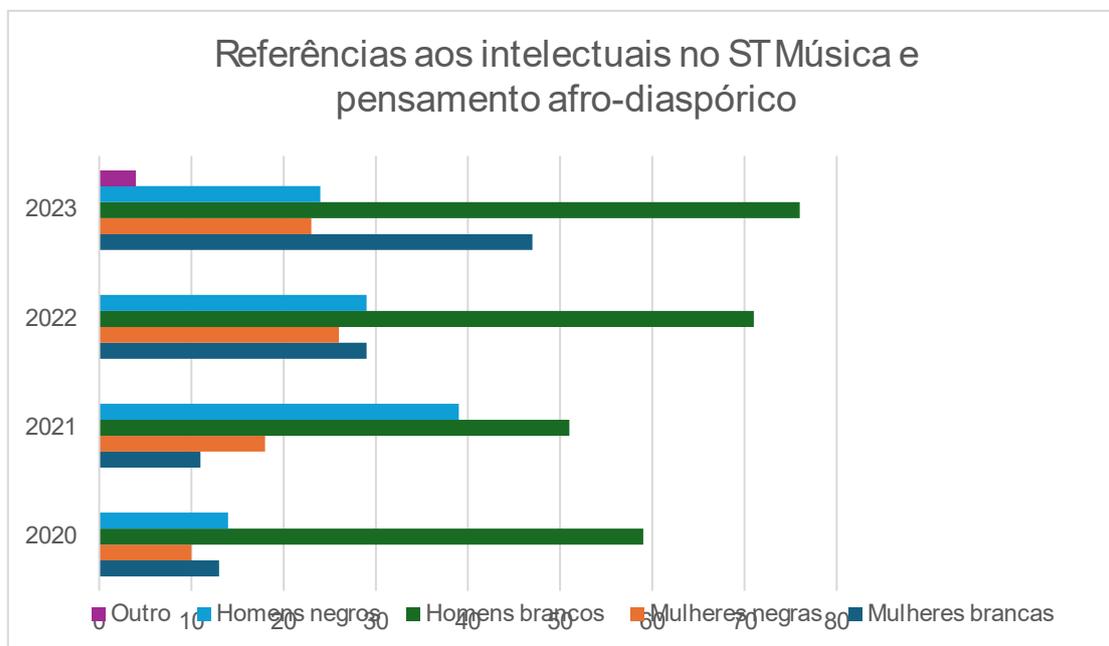
Em 2023, as menções às pensadoras negras tiveram uma baixa, indo de 17% para 13% do total de menções. Com uma redução similar temos as menções de intelectuais negros, que foram de 19% para 14% do total. Paralelamente à redução de citações de pesquisadoras e pesquisadores negros, houve um aumento das menções aos intelectuais brancos e brancas, que passaram de 64% do total no ano anterior para 73% em 2023.

**Ilustração 8 (gráfico 4) – Citações de intelectuais com base no parâmetro de raça e gênero/2023**



Fonte: produção das/os autoras/es, 2024.

**Ilustração 9 (x gráfico 5) – Referências aos intelectuais no ST**



Fonte: produção das/os autoras/es, 2024

### **Considerações Finais**

Em 5 anos de existência, já contando com a presença do ST no XXXIV Congresso da ANPPOM (2024), podemos destacar sua relevância como um espaço de discussões e proposições para os estudos da afrodiáspora africana musical. Em seu curto percurso, o ST representa um caminho, uma encruzilhada, um processo que vem fazendo importantes avanços no campo musical, e, em certa medida, cumprindo seu papel de desconstrução do racismo e de não invisibilização das/dos intelectuais negras e suas produções.

No entanto, entre os pontos de reflexão e provocação no presente trabalho, perguntamos: onde estão os intelectuais negros? E, muito mais, onde estão as intelectuais negras? Longe de pensarmos na guetização, mas reforçando a urgência da inclusão e equidade, constatamos que ao longo de 4 anos houve predominância de pessoas brancas, principalmente homens brancos, como fonte de referência, citações e menções. Suas pesquisas e contribuições ainda aparecem em destaque. Houve crescimento em menções de pesquisadoras negras até o ano de 2022, entretanto foi constatada uma queda no ano posterior. Ao fazer uma comparação entre as menções aos intelectuais negros e as citações que referenciam mulheres negras, houve predominância percentual masculina em todos os anos do

ST. Percebe-se que no ano de 2023, último ano em que aconteceu o Simpósio Temático, a somatória de referências às pesquisas de pensadoras brancas ultrapassou o total de menções às pesquisas de pessoas pretas em geral.

Mesmo conscientes de que a predominância branca e masculina nas referências bibliográficas se soma às questões mais amplas e profundas do racismo brasileiro, acreditamos que há, em diversas áreas da música, a reprodução de um cânone no qual se valorizam majoritariamente intelectuais brancos. Pudemos constatar, neste trabalho que este cânone pode estar sendo reproduzido até em produções intelectuais com temáticas afrodiaspóricas e escritas majoritariamente por pessoas negras.

Não constituiu objetivo deste trabalho uma abordagem voltada para as razões pelas quais as referências bibliográficas se mantêm majoritariamente brancas, apesar de termos discutido brevemente em reunião coletiva algumas possibilidades. Mas reforçamos a importância de fortalecermos a presença do pensamento feminino negro em produções intelectuais nos nossos trabalhos e a importância de haver mais mulheres pretas produzindo e atuando em lugares de protagonismo intelectual. As menções às produções femininas é, não somente um destaque, mas um convite para que os pesquisadores e proponentes de textos do Simpósio Temático Música e Pensamento Afrodiaspórico também acolham e pratiquem tais sugestões.

## Referências

ALVES, CIDA. Sala virtual para defesa de mestranda da UFPB é atacada por hackers. Brasil de Fato. João Pessoa, 28 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefatopb.com.br/2021/02/28/sala-virtual-para-defesa-de-mestranda-da-ufpb-e-atacada-por-hackers>. Acesso em 21.06.2024.

ANPPOM/Congressos/STs Ementas resumidas. Disponível em: <https://anppom.org.br/xxxiv-congresso-da-anppom/subareas-e-simposios-tematicos-aprovados-para-o-xxxvi-congresso-da-anppom/>. Acesso em 21.06.2024.

BATISTA, L. M.; NASCIMENTO, T. C.; COSTA, A. B.; SANTOS, D. C. J.; SILVA, V. H. C. C. Pesquisa etnomusicológica, práxis sonora e pesquisa participativa: discussões afrodiaspóricas entorno do debate político-epistemológico- metodológico. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* Manaus, ANPPOM, 2020.

CAMARA, V. A.; MAGALHÃES-CASTRO, B. Escritas e Reescritas: pensamentos sobre a afro-diáspora e seus afros na pesquisa em música. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* João Pessoa, ANPPOM, 2021.

CAMPOS, L. Ô abre alas para a escuta das histórias silenciadas. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* Natal, ANPPOM, 2022.

CONCEIÇÃO, V. M. A primeira umbigada a baiana é quem dá: uma breve discussão sobre o legado da irmandade da Boa Morte na história do samba. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* Manaus, ANPPOM, 2020.

DUARTE, F. L. S. Gentilismos e assimilação nas práticas musicais religiosas de duas congregações de africanos Mina no Rio de Janeiro no século XVIII: os casos de Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz e Francisco Alves de Souza, 2020. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* Manaus, ANPPOM, 2020.

SODRÉ, L.; SANTOS, M. Ementa do Simpósio Música e Pensamento Afrodiaspórico. ANPPOM. Disponível em: <https://anppom.org.br/xxx-congresso-da-anppom/simposios-e-gts-aprovados/>. Acesso em 21.06.2024.

LABAN, M. S. S. Nossas vozes vêm de longe. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* São Joao Del Rei, ANPPOM, 2023.

LIMA, C. L. A.; ALMEIDA C. M. G. Educação musical e relações étnico-raciais: Possibilidades e aproximações do debate sobre as relações raciais através do filme Black is King. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* João Pessoa, ANPPOM, 2021.

\_\_\_\_\_. Pensamento afrodiaspórico e educação musical: reflexões e diálogos numa construção plural para o ensino da música. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* São Joao Del Rei, ANPPOM, 2023.

LIMA, L. J. R. S. Memórias e sentidos históricos da “perseguição ao samba” na Primeira República. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* Natal, ANPPOM, 2022.

MAIA, Francis. CCDH recebe denúncias de ataques virtuais racistas em série nos últimos meses. Assembleia Legislativa do RS. Disponível em: <https://ww4.al.rs.gov.br/noticia/321049>. Acesso em 22.06.2024.

MOUTINHO, R. R. Sonoridades afrodiaspóricas no funk carioca: inventário cultural em produções relacionadas aos bailes funk do Rio de Janeiro. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* Natal, ANPPOM, 2022.

NABOSNE, J.T. Os espetáculos de Quarto de Despejo: diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus: música e crítica social. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* Natal, ANPPOM, 2022.

OLIVEIRA, M. C.; WIESE FILHO B.; RAMALHO C. G. A. Música nas Conferências Emancipadoras: ativismo artístico no Rio de Janeiro (RJ) e o violinista Guilherme Cantalice. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* Natal, ANPPOM, 2022.

ROCHA, P. G. M. Uma perspectiva afro-brasileira do som afrofuturista: ficção, raça, som e tecnologia. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* Manaus, ANPPOM, 2020.

ROSA, Laila; NOGUEIRA, Isabel. O que nos move, o que nos dobra, o que nos instiga: notas sobre epistemologias feministas, processos criativos, educação e possibilidades transgressoras em música. In: Revista Vórtex, Curitiba, v.3, n.2, p.25-56, 2015.

STAUB, Rosemara. Sessão de encerramento do XXX Congresso da ANPPOM. <https://www.youtube.com/watch?v=p7sIWVXmDM8&t=5981s>.

SANTOS, E.S. Racismo Acadêmico na Música: um diálogo com o Manifesto das pessoas negras contra o racismo nos cursos de música In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* João Pessoa, ANPPOM, 2021.

SANTOS, E. S.; RODRIGUES, A. C.; SANTOS, A. V.; PACHECO, E. G. Ações afirmativas na docência superior em música: cotas para pessoas pretas e pardas em discussão. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* São Joao Del Rei, ANPPOM, 2023.

SANTOS, E. H. R. G. O esquecimento de Airton Barbosa como reflexo dos processos de epistemicídio: o negro, a música popular e o racismo estrutural. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* São Joao Del Rei, ANPPOM, 2023.

SANTOS, M. S. *Depoimento*. Mensagem pelo *WhatsApp* para Eurides Santos, em 10 de junho de 2024.

SILAMBO, M. O.; MESSINA, M.; Colonialidade do saber e pesquisa etnomusicológica: descolonizando os termos da Mbira. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* Manaus, ANPPOM, 2020.

SILAMBO, M. O. Tshiketa Kudelela “Mbira”: compositor, estilos e estéticas musicais do Sudeste da África. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* João Pessoa, ANPPOM, 2021.

\_\_\_\_\_. Experiências da prática de mbira em Moçambique: uma vivência do Mestre Maneto Calmo Tefula. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., **Anais...** Natal, ANPPOM, 2022.

\_\_\_\_\_. Experiências reinventivas das mulheres para manutenção da música de mbira em Moçambique: uma contribuição da Delta Cumbane. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* São Joao Del Rei, ANPPOM, 2023.

SILVA, E. Coco de roda: um devir-negro em diáspora de luta. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* João Pessoa, ANPPOM, 2021.

SOARES, L. S. S. Elementos afro-indígenas na canção Foi Bôto, Sinhá! de Waldemar Henrique. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* Manaus, ANPPOM, 2020.

SOARES, I. W.; CAMARGO B.; NASCIMENTO, A. M.M. Interações afrodiaspóricas: culturas de resistência e preservação da memória ancestral. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* São Joao Del Rei, ANPPOM, 2023.

SOUZA, C. P. Eu vim falar no pé: os corpo-paiás no moçambique de bastão da Cia. Kambaiá. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* São Joao Del Rei, ANPPOM, 2023.



**ANPPOM**  
Associação Nacional de Pesquisa e  
Pós-Graduação em Música

SOUZA S. S. "Pânico na Zona Sul": Contribuições para o pensar decolonial na música a partir de Racionais MC's. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* Natal, ANPPOM, 2022.

TAMARIT, F. Uma musicologia em "ferro" e "couro": uma revisão candomblé- orientada dos "toques" da nação ketu. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* João Pessoa, ANPPOM, 2021.

\_\_\_\_\_. A invisibilidade das "artes musicais" candomblecistas na Academia. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* São Joao Del Rei, ANPPOM, 2023.

VACCARI, P. R. O padre José Maurício Nunes Garcia e a modinha: a afrobrasilidade por excelência. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* João Pessoa, ANPPOM, 2021.

VELON, M. O canto das Ialodês: O poder e a voz das cantoras de samba. In: CONGRESSO DA ANPPOM XXX., *Anais...* São Joao Del Rei, ANPPOM, 2023.

**XXXIV**  
**CONGRESSO DA**  
**ANPPOM**

MÚSICA E PESSOAS QUE VIVEM A MÚSICA:  
SUSTENTABILIDADE E PRÁXIS  
SALVADOR, 16 A 20 DE SETEMBRO DE 2024